

**PRÁXIS FILOLÓGICA  
DE INTELLECTUAIS CONTEMPORÂNEOS:  
O CASO ROSA BORGES**

*Arivaldo Sacramento de Souza (UFBA)*

[arisacramento@gmail.com](mailto:arisacramento@gmail.com)

É já lugar comum lembrar-se da filologia como campo de estudo que se preocupa, simplesmente, com a restituição dos textos, isto é, com a recuperação dos originais perdidos ou com os textos de última vontade do autor. Tal empreendimento reservou à filologia uma adjetivação tecnicista e, quase sempre, ancilar de qualquer estudo da língua ou do texto, o que não é nenhum demérito, mas, de certa forma, castra a diversidade temática do labor filológico e, como qualquer estereótipo, reduz a pluralidade das possibilidades de pesquisa. Felizmente, na contemporaneidade, momento em que observamos o movimento forte das desconstruções do pensamento metafísico tradicional e em meio à emergência da crise do intelectual – tanto erudito quanto de esquerda –, surgem propostas que nos ajudam a compreender possíveis papéis do intelectual filólogo no contexto atual (problema que procuraremos desenvolver nesta pesquisa). Uma dessas propostas foi construída no ano de 2001 pela Profa. Dra. Rosa Borges em sua defesa de tese de doutoramento. Longe de qualquer proselitismo ou glorificação, enveredaremos pela leitura crítica de *Poemas do Mar de Arthur de Sales: Edição Crítico-Genética e Estudo*, título da tese, pois, diferentemente de outros trabalhos mais comprometidos com a *eruditio*, trata-se de uma pesquisa construída pela base teórica dos métodos tradicionais da edição de texto e a partir do estudo de um autor não canônico, cujo projeto de escrever uma coletânea de poemas do mar, empreendimento frustrado pelo mercado editorial e pela crítica cultural do modernismo baiano da primeira metade do século XX, foi assumido pela filóloga. É exatamente essa configuração o objeto desta investigação, que toma para discussão o projeto filológico editorial de Rosa Borges e visa a ler o seu lugar (dela) enquanto intelectual que assume intervenções editoriais contra os discursos opressores difundidos pela crítica literária tradicional que levaram Arthur de Salles ao esquecimento. A partir desse caso, propomos os contornos políticos, sociais e críticos com que almejamos desenhar nossa práxis filológica hoje, cada vez mais como intérpretes e menos como legisladores da língua e da cultura.